



coleção

NOVELAS IMORTAIS

A ESPANHOLA



MIGUEL DE CERVANTES

INGLESA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO
Fernando Sabino

ROCCO EDITORA



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Coleção Novelas Imortais

organização e apresentação

Fernando Sabino

A ESPANHOLA INGLESA
MIGUEL DE CERVANTES

tradução

Luís de Lima

ROCCOINHEM

Sumário

Apresentação

A espanhola inglesa

1

2

3

Créditos

Apresentação

Pouca coisa se sabe dos primeiros anos da vida de Cervantes. Nem mesmo a data de seu nascimento, que se presume tenha sido pouco antes do dia do batismo, segundo o registro na igreja de Santa Maria la Mayor em Alcalá, na Espanha: 9 de outubro de 1547. Consta que seu pai residiu em Valladolid por volta de 1554, mudando-se para Madri em 1561 e Sevilha em 1564/1565, sendo provável que o futuro escritor o tenha acompanhado. Tudo são conjecturas.

O que é certo é que Cervantes estava em Roma no ano de 1569, portanto já com mais de 21 anos, de acordo com um registro feito por seu pai, provando a legitimidade do filho e sua ascendência cristã. Era um dado muito importante na época, devido aos choques que então se travavam entre cristãos e mouros.

Consta também que em 1570 ele se alistou no exército italiano. Em 1571 estava engajado num famoso regimento, que embarcou em Messina num navio da armada de Dom João da Áustria, participando da batalha de Lepanto, embora doente e com febre. Recebeu três ferimentos a bala – dois no peito e um que mutilou para sempre a sua mão esquerda, “para maior glória da direita”, como diria mais tarde. Já recuperado dos ferimentos, participou da batalha de Navarino em 1572, da captura de Túnis em 1573 e da fracassada tentativa de liberação de Goletta em 1574. Uma ventura por ano. Prestou o resto do serviço militar em Palermo e Nápoles, obtendo em 1575 permissão para retornar à Espanha.

Não terminaram aí suas peripécias: o navio em que embarcou foi abordado por piratas turcos, que o mantiveram prisioneiro na Argélia durante cinco anos. Em 1576 escapou com alguns companheiros, convencendo um mouro a conduzi-lo até Oran. Foram abandonados no meio do caminho, sendo recapturados e reconduzidos à Argélia, onde Cervantes foi tratado com extrema severidade. Em 1577 fez mais uma tentativa de fuga, sendo novamente traído, desta vez por um renegado cujos serviços contratara. Assumiu a culpa e foi condenado à morte, mas o vice-rei da Argélia, impressionado com sua coragem, comutou a pena e comprou-o de seu senhor por 500 coroas. Escreveu uma carta em versos ao

Secretário de Estado da Espanha, sugerindo que se fizesse uma expedição para invadir a Argélia – projeto que não chegou a ser realizado. No ano seguinte escreveu uma carta (em prosa) ao Governador de Oran, pedindo ajuda, pelo que foi condenado a receber 2 mil chibatadas. Ainda desta vez escapou ao castigo.

Enquanto isso, sua família não descansava, tentando libertá-lo. O pai enviou uma petição ao rei da Espanha. Em 1579 sua mãe requeria licença para enviar de Valença para a Argélia produtos equivalentes a 2 mil ducados, entregando ainda por intermédio de dois monges a soma de 250 ducados – tudo isso para resgate de seu filho. Cervantes, por seu lado, também não esmorecia: em fins de 1579 conseguiu arranjar uma fragata para fugir, mas um monge dominicano, que o odiava, denunciou-o às autoridades. Mais uma vez sua vida foi salva pelo vice-rei, que se declarou disposto a protegê-lo enquanto vivesse. Mas se recusava a receber menos de 500 ducados de ouro por seu resgate

Os que tentavam resgatá-lo não dispunham de tanto. Só quando os comerciantes cristãos da Argélia concordaram em completar a quantia, Cervantes finalmente se viu livre. Embarcou para Constantinopla em setembro de 1580 e de lá para a Espanha.

As aventuras vividas por Cervantes vieram a constituir uma fonte substancial de inspiração para várias de suas histórias, como se poderá verificar na novela aqui apresentada. São confusas e contraditórias as notícias que se tem dele por esta época: teria ido para Portugal, onde se casou com uma portuguesa, que lhe deu uma filha; teria participado de algumas batalhas em Portugal e nos Açores; retornou à Argélia, numa missão a Oran.

Não há dúvidas, no entanto, quanto a sua atividade como autor teatral. Escreveu de 1582 a 1587 várias peças, manifestando sua preferência por uma, chamada *La Confusa*, que, segundo afirmou, “com todo respeito por tantas peças de capa e espada que já foram representadas até o presente, poderá assegurar um lugar proeminente como a melhor entre as melhores”. Em 1585 publicou um romance pastoral, *Primeira parte de La Galatea*, que não lhe deu nada além de reputação como escritor. Durante os 30 anos que viveu desde então, anunciou repetidamente a segunda parte, que jamais chegou a ser escrita. O que não foi de todo ruim, pois ele próprio reconhecia os defeitos decorrentes do excessivo artificialismo da narrativa, declarando: “Propõem alguma coisa e não conclui coisa alguma.” O relativo fracasso da obra, todavia, não deixou de afetá-lo, pois além do mais não tinha outra fonte de renda.

Em 1587 retomou suas andanças: foi para Sevilha, onde trabalhou em contato com fornecedores de suprimentos para a Armada. Em 1590, desanimado,

encaminhou ao rei uma petição, enumerando os serviços prestados e se candidatando a um dos quatro postos oficiais vagos nas Colônias Americanas. Não foi atendido. Sua situação econômica era tão penosa que teve de pedir dinheiro emprestado até para comprar roupa.

Como último recurso, voltou-se novamente para a literatura, assinando um contrato para produzir seis peças, e impondo-se a condição de nada receber por elas, se pelo menos uma não fosse a melhor jamais surgida na Espanha. O contrato não levou a nada, entre outras razões porque depois de assiná-lo Cervantes foi preso, por motivos até hoje desconhecidos, embora haja quem diga ter sido por homicídio. Quando se viu novamente livre, continuou pela Andaluzia, tentando ainda realizar suas ambições literárias. Em 1595 ganhou o primeiro prêmio num obscuro concurso de poesia em Saragoça. Logo depois se meteu em complicações bancárias, responsável por um pagamento não efetuado, com a falência do intermediário. Acabou preso em Sevilha, e, ao ser libertado, viu-se demitido de um cargo que exercia (ou não) no serviço público, caindo em grande miséria.

Depois da publicação de *Galatea*, a atividade literária de Cervantes se restringiu a alguns poemas. A primeira notícia que se tem de *Dom Quixote*, que o consagrou para sempre, nos é dada numa carta de Lope de Vega, em 1604, dizendo a um desconhecido destinatário: “Não há poeta tão ruim quanto Cervantes, nem tão idiota a ponto de elogiar *Dom Quixote*.” Desde 1602 os dois grandes escritores já se hostilizavam, e Lope de Vega não perdia por esperar o troco que lhe daria Cervantes, satirizando-o em seu próximo livro. *Dom Quixote* já circulava clandestinamente (para publicação era necessário obter licença oficial, só concedida em 1604). A primeira parte foi publicada em 1605, alcançando sucesso imediato. Naquele ano, apenas, teve seis edições.

Em 1608 a corte se transfere para Madri, e Cervantes com ela. Pouco se sabe sobre sua vida por essa época. Há notícias de que vivia pobremente, mesmo depois da publicação de *Dom Quixote*. Fala-se na traição da mulher e numa filha ilegítima, cuja existência foi confirmada em documentos recentemente descobertos. Em 1611 teria restabelecido relações amigáveis com Lope de Vega. Nesse mesmo ano enviou ao editor suas *Novelas Exemplares*, lançadas em 1613.

São doze histórias, escritas em épocas diferentes, e de qualidade desigual. No prefácio, ele anuncia o lançamento da continuação de *Dom Quixote*. Pouco depois, em 1614, surge na cidade de Tarragona uma obra intitulada “*Segundo volume do engenhoso fidalgo Dom Quixote de La mancha*”, contrafação de autoria de um “Fernandez de Avellaneda, natural de Tordesillas”, pseudônimo

atribuído a vários ex-amigos e inimigos de Cervantes, e especificamente a três dramaturgos: Lope de Vega, Tirso de Molina e Ruiz de Alarcón. Fosse quem fosse, era alguém disposto a impedir que Cervantes jamais viesse a escrever a sua segunda parte: num prefácio insolente e ofensivo, procurava desmoralizá-lo, falando nos seus defeitos físicos, fraqueza moral, idade avançada, e condição de ex-prisioneiro. Com isso só fez acirrar o ânimo de Cervantes, que já estava no 59º capítulo da sua versão e se apressou a terminá-la, publicando-a em fins de 1615.

Nesse mesmo ano terminou sua última obra, *Los trabajos de Periles y Sigismunda*, que, segundo afirmou no prefácio da segunda parte de *Dom Quixote*, “será o pior ou o melhor livro jamais escrito em nossa língua”. No ano seguinte morria no dia 23 de abril, com quase 70 anos.

Depois desses dados que consegui alinhar, colhidos aqui e ali em numerosas e por vezes contraditórias fontes de informação, chego à conclusão de que a vida de Cervantes seria o seu mais prodigioso romance, se lhe tivesse ocorrido escrevê-la. Em vez disso, recolhe dela a inspiração com que compôs uma obra literária para sempre imortal. Se *Dom Quixote* inscreveu seu nome entre os maiores escritores de todos os tempos, bastariam as *Novelas Exemplares* para consagrá-lo como um dos grandes mestres da literatura espanhola.

Dessas novelas, escolhi para figurar nesta coleção *A espanhola inglesa*, que pode não ser a melhor, mas é das mais fascinantes e bem representativas da riqueza barroca do estilo de Cervantes. Ela reflete bem, ao longo de seu trecho movimentado e cheio de peripécias, o clima de aventuras e desventuras em que decorreu a vida do autor. É uma história de amor, que se desenvolve em meio a intrigas da corte e episódios complicados, ao gosto espanhol da época. A cuidadosa tradução de Luís de Lima, como sempre, é uma garantia de fidelidade à linguagem opulenta e saborosa do original.

FERNANDO SABINO
(1986)

A ESPANHOLA INGLESA

1

Entre os despojos que os ingleses levaram da cidade de Cádiz, seguiu para Londres uma menina de uns sete anos de idade, levada por Clotaldo, cavalheiro inglês e comandante de esquadra.

Isto se deu contra a vontade e a ponderação do conde de Esses, que, diligentemente, mandou procurar a criança para restituí-la aos pais que se tinham queixado do desaparecimento da filha, rogando-lhe, uma vez que se satisfazia com as riquezas e deixava livres as pessoas, não os fizesse a eles tão desgraçados pois, além de pobres, se veriam privados da filha, luz de seus olhos e a mais formosa criatura de toda aquela cidade espanhola.

Mandou o conde avisar a toda a sua armada que pagaria com a vida quem quer que tivesse a menina e não a devolvesse. Mas nem ameaças nem temores foram suficientes para que Clotaldo obedecesse. Manteve a menina escondida em sua nau, afeiçoado que estava, de forma cristã, à incomparável formosura de Isabela, pois era assim que ela se chamava. Seus pais ficaram, pois, sem ela, tristes e amargurados, e Clotaldo, felicíssimo, chegou a Londres e entregou a sua mulher, como o mais rico dos despojos, a linda menina.

Quis a boa sorte que todos os familiares de Clotaldo fossem católicos, às ocultas, embora publicamente demonstrassem seguir a religião de sua rainha.

Tinha Clotaldo um filho chamado Ricaredo, de doze anos, que aprendera com os pais a amar e a temer a Deus e a observar fielmente as verdades da fé católica.

Catalina, mulher de Clotaldo, nobre, cristã e sensata senhora, afeiçoou-se tanto a Isabela que a criou como se fora sua própria filha, e assim a mimava e educava. E a menina era tão prendada que aprendia facilmente tudo quanto lhe ensinavam.

Com os mimos e o tempo foi esquecendo o que lhe tinham feito seus verdadeiros pais, embora não tanto que não deixasse de os lembrar e suspirar por eles muitas vezes; e, embora fosse aprendendo a língua inglesa, não esquecia a espanhola, porque Clotaldo tinha o cuidado de levar secretamente a sua casa espanhóis para conversarem com ela. Assim, sem esquecer a sua, falava a língua

inglesa como se tivesse nascido em Londres.

Depois de lhe haverem ensinado todas as prendas que pode e deve saber uma donzela bem-nascida, ensinaram-lhe também a ler e escrever razoavelmente. Mas aquilo em que ela mais se esmerou foi em tanger todos os instrumentos musicais permitidos a uma mulher, e isto com toda a perfeição, fazendo-se acompanhar com a voz que o céu lhe dera, tão bela, que encantava quantos a ouviam cantar.

Todas estas prendas adquiridas, acrescentadas à sua graça natural, foram pouco a pouco abrasando o coração de Ricaredo, a quem ela, como filho que era do seu senhor, estimava e servia. A princípio, o amor contentou-se em contemplar a beleza incomparável de Isabela e de considerar suas infinitas virtudes e talentos, amando-a como a uma irmã, sem que seus desejos saíssem de limites honrados e virtuosos. À medida, porém, que Isabela, que tinha doze anos quando começou a despertar o amor de Ricaredo, foi crescendo, aquele primeiro sentimento e aquela forma de a estimar se transformaram em ardentíssimo desejo de amá-la e possuí-la; não que aspirasse a tanto por meios ilícitos, mas como legítimo esposo, uma vez que da inigualável honestidade de Isabela não havia outra coisa a esperar, nem ele queria, ainda que pudesse, já que sua nobre condição e a estima em que tinha Isabela não permitiam que nenhum mau pensamento lhe nascesse na alma.

Mil vezes pensou em manifestar aos pais a sua vontade e outras tantas desistiu, porque sabia que o destinavam para marido de uma riquíssima e nobre donzela escocesa, como ele católica romana às ocultas; e era claro que seus pais não quereriam dar a uma escrava (se é que assim se poderia considerar Isabela) quem já tinham combinado dar a uma fidalga.

E assim, meditativo e perplexo, sem saber que caminho tomar para realizar o seu desejo, Ricaredo tanto sofreu que esteve a ponto de perder a vida; mas, parecendo-lhe ser prova de grande covardia desejar a morte sem tentar qualquer remédio para o seu mal, encheu-se de ânimo e decidiu declarar-se a Isabela.

Todos em casa andavam tristes e inquietos com a doença de Ricaredo, por ser muito querido, sobretudo dos pais, não só pela sua condição de filho único, mas porque o merecia pela sua muita virtude, coragem e inteligência.

Os médicos não atinavam com a causa da doença de Ricaredo, e ele, por sua vez, não se atrevia a lhes fornecer uma pista. Até que, disposto a vencer todas as dificuldades imagináveis, um dia em que Isabela foi servi-lo, vendo-a sozinha, disse com voz embargada e hesitante:

– Formosa Isabela, foram as suas virtudes e imensa beleza que me puseram

neste estado. Se não quer que eu deixe a vida no maior dos sofrimentos, responda com o seu ao meu honesto desejo, que outro não é senão o de recebê-la como esposa, às escondidas de meus pais, de quem por não conhecerem o que sei que merece, Isabela, temo me negarem o bem que acima de tudo me importa. Se jurar ser minha, eu juro também, como verdadeiro católico, que serei seu esposo. E embora não venha a possuí-la, enquanto não obtiver a benção da Igreja e de meus pais, só o fato de sabê-la minha bastará para me devolver a saúde e me manter alegre e feliz, até alcançar o venturoso instante desejado.

Enquanto ele assim falava, Isabela permaneceu ouvindo, de olhos baixos, demonstrando até que ponto a sua honestidade se igualava à sua formosura, e a sua sensatez ao seu recato; e vendo que Ricaredo se calara, respondeu, mais do que nunca formosa e honesta:

– Desde que o rigor ou a clemência do Céu – não sei a qual destes extremos atribuir – me arrebatou a meus pais e me entregou aos vossos, senhor Ricaredo, determinei, pelas infinitas mercês recebidas, que jamais a minha vontade divergiria da deles, e assim, sem ela, eu teria, não por boa, mas por má fortuna a inestimável mercê que quereis fazer-me. Se, com o conhecimento deles, eu tiver a ventura de vos merecer, desde já vós ofereço o consentimento que eles me derem; enquanto assim não for ou não chegar a ser, que aos vossos desejos baste saber que os meus serão eternos e puros em vos desejar todo o bem que o Céu vos possa dar.

Aqui pôs termo Isabela às suas sérias e honestas razões, e logo a saúde de Ricaredo começou a melhorar e renasceram as esperanças dos pais, pois a sua doença os trazia desencorajados.

Despediram-se um do outro cortesmente, ele com lágrimas nos olhos, ela com admiração na alma por ver tão rendida ao seu amor a de Ricaredo. Este, levantando-se da cama, o que no entender dos pais aconteceu por milagre, não quis ocultar por mais tempo os seus pensamentos: e assim, um dia, os revelou à mãe, acabando por dizer que se não o casassem com Isabela, seria o mesmo que decretar a morte dele. Com tais razões e tantos elogios cantou Ricaredo ao Céu as virtudes de Isabela, que pareceu à mãe que quem ficaria a perder com o casamento seria a moça. Deu ao filho boas esperanças de dispor o pai a aceitar com prazer aquilo que ela já via com agrado. E assim fez. Expondo ao marido os argumentos que ouvira do filho, facilmente o levou a consentir no que Ricaredo tanto desejava, engendrando desculpas para que não se realizasse o casamento quase combinado com a donzela da Escócia.

Nesta ocasião, tinha Isabela catorze e Ricaredo vinte anos, mas nesta tão

imatura e florida idade de ambos, a sua muita discrição e evidente sensatez eram de anciãos.

Faltavam quatro dias para a data em que os pais de Ricaredo queriam que o filho inclinasse a cerviz ao sagrado jugo do matrimônio, regozijando-se muito por haverem escolhido a pequena prisioneira por nora, levando mais em conta o dote de suas virtudes do que a muita riqueza que a escocesa traria consigo.

Os enxovais estavam prontos, os parentes e amigos convidados; só faltava dar conhecimento à rainha do enlace, porque, sem sua vontade e anuência, casamento algum entre os de sangue ilustre se poderia efetuar. Mas como não duvidassem da concessão da licença real, não se apressaram em pedi-la.

Estavam pois as coisas nesse ponto, a quatro dias das bodas, quando, certa tarde, um ministro da rainha veio turvar todo aquele regozijo, dando recado a Clotaldo de que Sua Majestade mandava que levassem no dia seguinte à sua presença a prisioneira espanhola de Cádis. Respondeu Clotaldo que obedeceria com todo o gosto a Sua Majestade. Partiu o ministro deixando todos os corações perturbados, em sobressalto.

– Ai – dizia Dona Catalina – se a rainha chega a saber que criei esta menina na fé católica, por aí há de concluir que, nesta casa, somos todos católicos! Pois se a rainha lhe perguntar pela sua instrução nos oito anos de prisioneira, que há de responder a pobrezinha para não nos pôr em perigo, por mais discrição que tenha?

Ouvindo isto, Isabela disse:

– Não se aflija, senhora minha, não tenha receio, pois confio em que o Céu me dará nesse momento, por sua divina misericórdia, palavras que não só não vos condenem, mas capazes até de vos serem proveitosas.

Tremia Ricaredo como que pressentindo grandes contrariedades. Clotaldo buscava razões que dissipassem seu grande receio e não as encontrava, a não ser na muita confiança que depositava em Deus e na prudência de Isabela, a quem recomendou bastante que evitasse os comprometê-los como católicos, pois, embora estivessem com o espírito predisposto para o martírio, todavia a carne, que é fraca, recusava essa amarga experiência.

Repetidas vezes Isabela lhes assegurou que podiam confiar nela, que por sua causa não lhes aconteceria nada do que receavam. Muito embora, acrescentava, não soubesse ainda o que haveria de responder às perguntas que decerto lhe fariam, tinha vivas e seguras esperanças de que responderia de modo a que, como dissera, suas respostas servissem a eles de abono.

Conversaram naquela noite sobre muitas coisas, concluindo que, se a rainha

soubesse que eram católicos, não lhes enviaria recado tão cordial, donde se poderia inferir ser seu desejo apenas ver Isabela, de cuja formosura sem par e grandes méritos tinham chegado notícias a seus ouvidos, como também aos de todos os londrinos. Sentiam-se culpados por não lhe terem apresentado antes Isabela, mas convenceram-se que estariam justificados declarando que desde o dia em que recolheram Isabela a tinham escolhido e educado para esposa de seu filho Ricaredo. Mesmo assim achavam-se culpados por haverem preparado o casamento sem prévia autorização da rainha, embora tal culpa não lhes parecesse merecedora de grande castigo. Com isto se tranquilizaram, concordando que Isabela não fosse modestamente vestida, como prisioneira, mas sim como noiva, pois já o era de um tão nobre personagem como Ricaredo.

E assim decididos, no dia seguinte ataviaram Isabel à espanhola, com um vestido de cauda de cetim verde, forrado de rica tela de ouro, com o decote orlado de pérolas, as quais ornavam também o resto do vestido; colar e cinto de diamantes, e leque como as damas espanholas. De toucado serviam-lhe os próprios cabelos que eram bastos, louros e longos, entretecidos e semeados de diamantes e pérolas. Com este riquíssimo adorno, e com sua gentil disposição e milagrosa beleza, atravessou Londres numa magnífica carruagem, deslumbrando os olhos e as almas de quantos a viam.

Seguiam, junto com ela, Clotaldo, a mulher e Ricaredo; a cavalo, muitos ilustres parentes. Todas estas honrarias quis prestar Clotaldo à sua prisioneira para induzir a rainha a tratá-la como esposa de seu filho.

2

Chegados pois a palácio e dirigindo-se a um grande salão onde estava a rainha, entrou à frente Isabela, dando de si a mais formosa impressão que podia caber em humana imaginação.

O salão era imenso; após alguns passos quedaram-se os que a acompanhavam, adiantando-se Isabela. E a jovem ao caminhar era tal uma estrela cadente movendo-se em noite serena e tranquila, ou como os raios de sol surgindo entre duas montanhas, ao nascer do dia. Tudo isto ela pareceu e mais ainda: um cometa que prenunciou o incêndio de mais de uma alma das que ali estavam e que o amor abrasou com os formosos sóis que eram os olhos de Isabela.

Plena de humildade e cortesia, postou-se de joelhos perante a rainha, dizendo em inglês:

– Consinta Vossa Majestade que esta sua serva lhe beije as mãos, pois desde este momento mais se sentirá enaltecida por ter tido a ventura de chegar a ver vossa grandeza.

A rainha contemplou-a durante algum tempo, calada, com a sensação – como depois confessou à sua camareira – de ter diante de si um céu semeado de estrelas, que eram as muitas pérolas e diamantes que Isabela trazia, sendo o rosto e os olhos o sol e a lua, tal era o maravilhoso efeito de sua formosura.

As damas que assistiam a rainha eram todas olhos para nada perder da beleza da donzela. Uma gabava a vivacidade de seu olhar, outra a cor do seu rosto, aquela a esbeltez do corpo, outra ainda, a doçura da sua fala e uma houve que, de pura inveja, comentou:

– É bonita, a espanhola, mas seu traje não me agrada.

Passada a surpresa que Isabela lhe causara, a rainha mandou que ela se erguesse, dizendo:

– Falai-me em espanhol, donzela, que eu compreendo bem e gostaria de ouvir.

E voltando-se para Clotaldo:

– Ofensa me fizeste escondendo de mim, durante tanto tempo, este tesouro; mas tal é ele que decerto tinhas medo de despertar a cobiça. A tua obrigação

agora é que ele me seja restituído, pois de direito me pertence.

– Senhora – respondeu Clotaldo –, é bem verdade o que diz Vossa Majestade. Confesso a minha culpa, se culpa é ter guardado este tesouro para que alcançasse a perfeição conveniente para que pudesse comparecer ante os olhos de Vossa Majestade. E agora que alcançou-a, pensava melhorá-lo ainda, pedindo licença a Vossa Majestade para que Isabela fosse esposa de meu filho Ricaredo, e dar-vos, com os dois, tudo quanto vos posso dar.

– Até o nome dela me alegra – respondeu a rainha –, não lhe faltava senão chamar-se Isabela e ser espanhola, para achar nela todas as perfeições. Mas não esqueça Clotaldo que sem minha licença a havias prometido a teu filho.

– É verdade, Senhora – respondeu Clotaldo –, mas procedi assim confiado que os muitos e relevantes serviços prestados por mim e por meus antepassados à Coroa mereceriam de Vossa Majestade favores mais difíceis de conceder do que essa licença, tanto mais que meu filho ainda não está casado.

– Nem o estará – disse a rainha – até que por si mesmo mereça Isabela: quero dizer, não vêm ao caso nem os teus serviços nem os de teus antepassados. Ele é que deve se dispor, por si mesmo, a me servir e a merecer esta joia, que eu já estimo como se fosse minha filha.

Assim que ouviu estas últimas palavras, Isabela caiu novamente de joelhos diante da rainha, dizendo em castelhano:

– Sereníssima Senhora, os inconvenientes que tal resolução possam causar devem ser tidos antes por venturas que por desventuras, uma vez que Vossa Majestade me chamou de filha. Com tal mercê que males poderei temer, ou que bens não poderei esperar?

Falou Isabela com tal graça e donaire que a rainha ainda mais se afeiçãoou a ela, e ordenou que ficasse a seu serviço, entregando-a uma nobre senhora, sua camareira-mor, para que a iniciasse nos costumes da corte.

Ricaredo, para quem ficar sem Isabela era perder a vida, estava a ponto de enlouquecer; e assim, todo trêmulo, ajoelhou-se ante a rainha, dizendo:

– Para eu servir Vossa Majestade não é forçoso incitar-me com outras recompensas além das que meus pais e meus antepassados alcançaram servindo seus soberanos. Uma vez, porém, que Vossa Majestade estima que eu a sirva com novos desejos e novas pretensões, gostaria de saber de que maneira poderei mostrar que cumpro a obrigação em que me põe Vossa Majestade.

– Dois navios – respondeu a rainha –, cujo comando geral confiei ao barão de Lansac, estão prestes a zarpar em corso. De um deles eu te nomeio capitão, porque o sangue donde provéns me assegura que saberá suprir a tua pouca idade.

Atenta bem para o favor que te concedo, pois assim te dou oportunidade de, correspondendo a quem és, servires a tua soberana, podendo demonstrar a capacidade da tua inteligência e da tua pessoa, alcançando a melhor recompensa que, a meu ver, podes desejar. Isabela ficará sob a minha guarda, embora ela dê mostras de ser a honestidade a sua verdadeira guarda. Vai com Deus e, como sei que partes tão apaixonado, grandes façanhas posso esperar de ti. Feliz do rei que na batalha contasse em seu exército com dez mil guerreiros enamorados, esperando como recompensa da vitória a posse de suas amadas! Levanta-te, Ricaredo, e vê se tens algo que ainda queiras dizer a Isabela, pois partes amanhã.

Ricaredo beijou as mãos da rainha, reconhecido pela alta mercê que esta lhe concedia, e em seguida se ajoelhou diante de Isabela. Quis falar mas não pôde, tamanha era sua comoção; lágrimas brotaram de seus olhos, apesar dos esforços que fazia para as dissimular; mas, mesmo assim, não as conseguiu ocultar da rainha, que disse:

– Não te envergonhes de chorar, Ricaredo, nem te sintas diminuído por teres dado neste transe tantas demonstrações de ternura, pois uma coisa é pelejar contra os inimigos e outra se despedir de quem se ama. Isabela, abraça Ricaredo e dá-lhe a tua bênção, que bem a merece o seu sentimento.

Isabela, perturbada por ver a humildade e a dor de Ricaredo, que, como noiva amava, não entendeu a ordem da rainha, e começou também a chorar, tão sentida e tão alheia a tudo, turvada e imóvel, que parecia estátua de alabastro chorando.

A paixão e a ternura de que deram mostras dos dois enamorados fizeram chorar muitos dos circunstantes e, sem dizer palavra a ninguém, nem sequer a Isabela, logo Ricaredo, Clotaldo e seus acompanhantes saudaram a rainha e saíram do salão, desesperados e com lágrimas nos olhos.

Isabela ficou como órfã a quem acabam de enterrar os pais, e receosa de que a nova Senhora quisesse forçá-la a mudar os costumes em que fora criada. E assim ela ficou no palácio.

Daí a dois dias Ricaredo fazia-se ao mar, atormentado sobretudo por dois pensamentos que o punham fora de si: um o incitava a praticar grandes façanhas que o tornassem merecedor de Isabela, e outro o impedia de fazê-las, pois tinha de obedecer à sua formação católica, que o impedia de desembainhar a espada contra os seus correligionários; no caso de não desembainhar, porém, podia se revelar católico ou ser considerado covarde, tudo isso redundando em prejuízo da sua carreira e em obstáculo à sua pretensão. Por fim, resolveu conciliar a sua condição de apaixonado com o dever de católico e em seu coração pediu ao Céu

que lhe desse oportunidades de, sem faltar às suas obrigações de católico, conseguir ser valente, satisfazendo assim a rainha e merecendo Isabela.

3

Seis dias navegaram os dois navios, com vento propício, rumo às Ilhas Terceiras, paragens onde nunca faltam naves portuguesas chegadas das Índias Orientais ou algumas na rota das Ocidentais. E, ao cabo desse tempo, sofreram fortíssimo vento de flanco, vento que no oceano tem nome diverso que no Mediterrâneo, onde se chama meio-dia, tão persistente e impetuoso que, não lhes permitindo aportar àquelas ilhas, os forçou a costear a Espanha. Ali, à entrada do estreito de Gibraltar, enxergaram três navios, um poderoso e grande, e dois pequenos. Arribou o navio de Ricaredo ao outro em que ia o seu Comandante em chefe para saber dele se devia investir contra os navios descobertos. Mas, antes de chegar a abordá-lo, Ricaredo viu hastearem, na gávea mais alta, uma bandeira preta e, quando se aproximou mais, ouviu que soavam soturnamente clarins e trombetas, claros sinais de que ou morrera o comandante ou outro oficial importante. Com este sobressalto, chegou ao alcance da voz, coisa que ainda não havia feito desde a saída do porto.

Do navio de comando gritaram a Ricaredo que se mudasse para ali, porque o comandante morrera de apoplexia durante a noite.

Ficaram todos muito tristes, exceto Ricaredo, não por ter morrido o seu superior, mas sim pelo fato de daí em diante poder mandar nos dois navios, pois a ordem da rainha era que na falta do Comandante em chefe, o substituísse Ricaredo. Este passou logo com presteza à nau capitânia, onde encontrou alguns chorando pelo comandante morto, outros contentes, saudando o comandante vivo. Por fim, uns e outros lhe prestaram obediência e, numa breve cerimônia, o aclamaram Comandante em chefe, o queurgia fazer, ainda mais devido a dois dos três navios avistados avançarem em direção a eles.

Logo reconheceram, pelas meias-luas que ostentavam nas bandeiras, serem galeras turcas, o que causou grande alegria a Ricaredo, porque pensou que se o Céu lhe concedesse tal presa, grande seria a sua façanha e sem constituir ofensa a qualquer católico. As duas galeras turcas aproximaram-se para identificar os navios ingleses de Ricaredo que não ostentavam insígnias da Inglaterra, e sim da

Espanha, a fim de iludir quem os visse, não os tomando por corsários.

Os turcos julgaram deparar com naus de volta das Índias, que com facilidade se renderiam. E, nessa ilusão, foram se aproximando aos poucos. Ricaredo, manhosamente, deixou-os avançar até ao alcance de seus canhões, os quais fez disparar em momento propício, acertando em cheio com cinco tiros numa das galeras e abrindo-a inteiramente ao meio, no que começou a adernar e a ir a pique irremediavelmente. Os da outra galera, vendo tamanho desastre, imediatamente a rebocaram para junto do navio grande a fim de protegê-la com seu alto bordo. Mas Ricaredo, com os seus navios a postos que eram tão ligeiros como se tivessem remos, mandou carregar de novo a artilharia, perseguiu-os, fazendo chover sobre eles uma saraivada de balas.

Os da galera atingida, com água aberta, mal chegaram junto da nau maior passaram todos para esta procurando rapidamente refúgio. Vendo isto, e que a galera intacta se ocupava com a que fora destroçada, carregou sobre ela com seus dois navios, sem consentir que virasse de bordo ou se valesse dos remos, colocou-a entre dois fogos, o que mesmo assim não impediu que os turcos procurassem fugir para o navio grande, não com esperança de salvar a vida, mas para adiarem a morte. Os cristãos que faziam parte da tripulação das galeras, cortando cordas e rompendo os grilhões, mesclados com os turcos, recolheram-se também ao navio maior; mas à medida que trepavam pelo costado, os arcabuzeiros ingleses atiravam nos turcos como alvo certo, pois Ricaredo recomendara que não atirassem nos cristãos. Deste modo, quase todos os turcos foram mortos e os que conseguiram chegar ao navio grande foram despedaçados pelos cristãos que seguiam junto com eles e que se serviam de suas próprias armas. Pois a força dos valentes, quando são derrubados, se transforma na fraqueza dos que se levantam. E assim, animados com a esperança de julgarem que os navios ingleses eram espanhóis, os católicos foram prodigiosos na sua conquista pela liberdade. Finalmente, mortos quase todos os turcos, alguns espanhóis, de bordo do navio e em altos brados, clamavam pelos que julgavam ser seus patrícios, convidando-os a entrarem para comemorarem a vitória.

Perguntando Ricaredo, em espanhol, que navio era aquele, responderam que era uma nave vinda da Índia Portuguesa carregada de especiarias, e com tantas pérolas e diamantes que valiam mais de um milhão em ouro; a tormenta os arrastara para aquelas paragens, desmantelada e sem artilharia, que a equipagem quase morta de fome e sede atirara ao mar. Disseram também que aquelas duas galeras eram do corsário Arnoute Mami, ao qual a nave se rendera no dia anterior, sem que pudesse oferecer resistência. Não tendo podido fazer o

transbordo de tanta riqueza Arnaut decidira levar a nave a reboque para o rio de Larache, próximo dali.

Ricaredo respondeu-lhes que se julgavam serem espanhóis aqueles seus dois navios, estavam iludidos, pois pertenciam à rainha da Inglaterra. Tal informação causou grande receio aos que o ouviram, supondo, como era lógico, que livres de uma cilada tinham caído noutra. Ricaredo, porém, tranquilizando-os disse que não receassem qualquer mal e assegurou-lhes a liberdade, desde que não oferecessem resistência.

– Mesmo que quiséssemos, não poderíamos – responderam – porque, como já dissemos, este navio não tem artilharia, nem possuímos armas. Assim, só nos resta contar com a gentileza e liberalidade de vosso comandante, pois nos parece justo que quem nos libertou do intolerável cativeiro dos turcos complete tão grande mercê e benefício. Isso lhe trará fama em todas as partes do mundo onde chegar notícia desta memorável vitória e de sua façanha, por nós mais desejada que temida.

A Ricaredo não soaram mal estas palavras e convocou a conselho os oficiais de seu navio para resolverem sobre a melhor maneira de mandar todos aqueles cristãos para Espanha, sem correrem o risco de, por serem tantos, virem a se sublevar. Alguns foram de opinião que os fizessem vir para o navio, um a um, matando-os debaixo da cobertura à medida que entrassem, levando depois a grande nave para Londres, sem maiores temores nem cuidados.

Mas a isto respondeu Ricaredo:

– Já que Deus nos fez a grande mercê de nos conceder tanta riqueza, não quero corresponder à sua divina bondade com ânimo cruel e desagradecido, nem me parece justo que aquilo que se pode resolver com engenho se trate com a espada. Assim, sou de opinião que não se mate nenhum cristão católico, não porque lhes queira bem, mas sim porque me prezo, e de forma alguma desejaria que a façanha de hoje, na qual tanto me ajudastes, nos desse a fama de valentes com o título de cruéis. Para mim, a crueldade não combina com a bravura. O que devemos fazer é passar toda a artilharia de um destes navios para a grande nau portuguesa, sem deixar nela mais nada, além das provisões; depois, destacamos gente nossa a fim de levá-la para a Inglaterra, e os espanhóis seguirão para a Espanha.

Ninguém ousou se opor à proposta de Ricaredo e alguns o consideraram corajoso, magnânimo e sagaz, enquanto outros o julgaram em seus corações mais católico do que convinha.

Isto resolvido, passou Ricaredo com cinquenta arbuzeiros, todos alertas e com o arco esticado, para a nau portuguesa, onde encontraram umas trezentas pessoas das que haviam escapado das galeras. Pediu logo o registro de bordo, e o mesmo que lhe falara a primeira vez informou que tinha sido tomado pelo corsário que se afogara. Rapidamente, Ricaredo fez as manobras necessárias e, acostando o seu segundo navio à nau portuguesa, passou para esta a artilharia, com grande presteza e a força dos cabrestantes. Depois de umas breves palavras aos cristãos mandou que passassem ao navio desocupado, onde encontraram mantimentos em abundância para mais de um mês e suficientes para muito mais gente. À medida que iam embarcando, dava a cada um quatro escudos de ouro espanhóis, que mandou vir do seu navio, a fim de fazerem face às primeiras necessidades em terra, que estava tão próxima, que até se avistavam dali as altas montanhas de Ávila e Calpe. Todos lhe agradeceram muito, e o último a embarcar, o mesmo que havia falado em nome dos outros, disse a Ricaredo:

– Consideraria ventura maior, valoroso comandante, se me levasse consigo para Inglaterra, porque sendo embora Espanha a minha pátria, de onde parti há apenas seis dias, sei que lá não encontrarei senão motivos de tristeza e solidão. Saiba, senhor, que há uns quinze anos, quando foi tomada Cádiz, perdi uma filha que os ingleses devem ter levado para a Inglaterra, e com ela perdi também a paz da minha velhice e a luz de meus olhos, que nunca mais, depois de deixarem de vê-la, viram coisa de seu agrado. O profundo pesar que me causaram a sua perda e a da minha fortuna me desanimou de tal forma que nunca mais pude exercer o comércio, graças ao qual antes me consideravam o mercador mais rico da minha cidade; e, na verdade assim era, pois, fora o crédito que passava de muitas centenas de milhares de escudos, minha fazenda valia, dentro das portas da minha casa, mais de cinquenta mil ducados. Tudo perdi, mas pouco me importaria com isso, se não houvesse perdido minha filha. Depois desta desgraça geral e minha em particular, começou a necessidade a me afligir a tal ponto que, sem forças para resistirmos, eu e minha mulher, que é aquela triste senhora ali sentada, resolvemos ir para as Índias, comum refúgio dos pobres que tudo perderam. Embarcamos há seis dias num barco de aviso e à saída de Cádiz fomos abordados por estas duas galeras de corsários que nos fizeram cativos, o que veio aumentar a nossa desgraça e confirmar a nossa desventura. E ainda pior teria sido se os corsários não houvessem depois tomado a nau portuguesa, o que os retardou, dando tempo a que acontecesse o que agora aconteceu.

Perguntando-lhe Ricaredo como se chamava a filha, respondeu que o seu nome era Isabela.

Esta revelação só fez confirmar o que Ricaredo logo suspeitara: quem lhe falava era o pai de sua amada Isabela. E sem lhe dar notícias da filha, disse-lhe que de boa vontade os levaria, a ele e a sua mulher, para Londres, onde talvez pudessem saber algo a respeito da filha que buscavam. Mandou que passassem ambos imediatamente para bordo da nau capitânia, deixando marinheiros e guardas em número suficiente na nave portuguesa.

Naquela noite içaram velas e se afastaram rapidamente da costa espanhola, e, porque no navio dos cativos agora libertos iam também uns vinte turcos a quem Ricaredo também libertara para mostrar que sua liberalidade procedia mais de sua generosidade do que por amor aos católicos, pediu aos espanhóis para que libertassem na primeira oportunidade os turcos, que também se mostraram agradecidos.

O vento, que até ali soprara forte e amplo, começou a se acalmar um pouco e essa calmaria preocupou bastante os ingleses, que culparam Ricaredo e a sua liberalidade, dizendo que os libertos podiam avisar na Espanha tudo aquilo que ocorrera, e que se, por acaso, houvesse galeões da armada espanhola no porto mais próximo, estes poderiam sair em sua perseguição, pondo-os em risco e até afundá-los.

Embora Ricaredo reconhecesse que tinham razão, conseguiu tranquilizá-los com bons argumentos. E mais os tranquilizou ainda o vento, que voltou a soprar com força, enfunando todas as velas, sem necessidade de amainar ou temperá-las, e em nove dias estavam à vista de Londres, onde entraram vitoriosos, depois de trinta dias de ausência.

Não quis Ricaredo entrar no porto com grandes demonstrações de júbilo, por causa da morte do Comandante em chefe; por isso, alternou sinais de luto com outros de contentamento: ora vibravam clarins festivos ora soavam roucas trombetas; a tambores alegres rufando, respondiam, tristes, árias lamentosas dos pífaros. Numa gávea flutuava, posta ao contrário, uma bandeira semeada de meias-luas; noutra pendia um longo estandarte de tafetá preto, cujas extremidades tocavam nas ondas. Com todos estes contrastes, entrou Ricaredo no rio de Londres comandando o seu navio, e como a nave portuguesa era de maior calado, esta ancorou no mar, ao largo.

Os sinais contraditórios que vinham de bordo mantinham em suspenso a imensa multidão que assistia à chegada. Reconheceram perfeitamente por algumas insígnias de bordo que o navio menor era o do comando do barão de Lansac, mas não entendiam como o outro navio se transformara naquela

poderosa nau ancorada no mar. Todos saíram desta dúvida ao verem desembarcar o valoroso Ricaredo, com todas as suas armas e ricamente trajado, que a pé, sem outro acompanhamento além da grande multidão que o seguia, se dirigiu ao palácio, onde a rainha esperava notícias dos navios. Junto com a rainha e outras damas encontrava-se Isabela, que, vestida à inglesa, parecia tão bem como quando trajada à espanhola. E, antes de Ricaredo chegar, veio à frente um mensageiro anunciar a sua vinda.

Alvoroçou-se Isabela ao ouvir o nome de Ricaredo, e temia e aguardava naquele instante pelos bons e maus sucessos daquela vinda.

Ricaredo era alto, forte e esbelto. E como vinha de couraça, ombreira e golilha, braçadeiras e escarcelas, com armadura milanese de baixos-relevos dourados, deslumbrava a todos que o viam. Não usava morrião na cabeça, mas, sim, um chapéu de aba larga, de cor aleonada, com uma enorme variedade de plumas terçadas à moda valona; a espada larga, talins riquíssimos, calças à suíça. Por tais adornos e pelo brioso passo em que avançava, houve quem o comparasse a Marte, deus das guerras, e quem, impressionado com a beleza de seu rosto, o comparasse a Vênus, que, para burlar Marte, assim se disfarçara.

Chegou por fim diante da rainha e de joelhos disse:

– Alta Majestade, por força de vossa ventura e para realização do meu desejo, sucedeu que, depois de ter morrido vítima de apoplexia o Comandante Lansac e havendo eu assumido o comando, graças à vossa liberalidade, quis a sorte que eu deparasse com duas galeras turcas que levavam a reboque a grande nau que ali está ancorada à entrada do porto. Ataquei-as e os vossos soldados lutaram com a valentia de sempre, afundando as galeras dos corsários. E num dos nossos navios, em vosso real nome, dei liberdade aos cristãos que escaparam do cativeiro dos turcos. Trouxe apenas comigo um homem e uma mulher, ambos espanhóis, que de sua livre vontade quiseram vir conhecer a vossa grandeza. Aquela grande nau é das que regressavam da Índia Portuguesa, a qual, devido a uma grande tormenta, caiu em poder dos turcos, que facilmente a apresaram. E segundo alguns portugueses que nela vinham, traz carga que mais de um milhão em ouro o valor das especiarias, pérolas e diamantes que transporta. Em nada se tocou, nem os turcos tiveram tempo de tocá-las, porque o Céu me havia destinado e eu guardei para Vossa Majestade que, se me der uma única joia, será minha credora de outras dez naves como aquela. Essa joia já prometida por Vossa Majestade é minha boa Isabela. Com ela quedarei rico e recompensado, não só por este serviço que ora presto a Vossa Majestade, como por muitos outros que penso prestar a fim de pagar uma pequena parte do todo quase

infinito que em tal joia Vossa Majestade me oferece.

– Levanta-te, Ricaredo – respondeu a rainha – e acredita que se por algum preço tivesse que te dar Isabela, por quanto eu a estimo, não a poderias pagar nem com o que vem nesse navio, nem com tudo o que existe nas Índias. Eu te dou Isabela porque te prometi e porque ela é digna de ti e tu és digno dela. Somente o teu valor a merece; se guardaste as joias da nave para mim, eu guardei esta joia para ti; e embora possa parecer que faço pouco em devolver o que é teu, sei que nisso te faço grande mercê, pois as prendas que se compram com desejos têm o seu valor na alma do comprador, e valem o que a alma vale e não há na terra preço que valha uma alma. Isabela é tua, aqui a tens; poderás levá-la quando quiseres, o que será de seu gosto, creio, pois é sensata e saberá apreciar o afeto que lhe dedicas; afeto sim, e não mercê, pois quero me reservar o direito de só eu lhe conceder mercês. Agora vai descansar e volta amanhã, que quero ouvir com mais pormenores as tuas façanhas. E traz esses dois espanhóis que de sua livre vontade quiseram vir ver-me, para que eu lhes agradeça.

Ricaredo beijou as mãos da rainha pelas muitas mercês recebidas.

Mal a rainha se retirou, logo as damas rodearam Ricaredo, e uma delas que se tornara grande amiga de Isabela, chamada senhora Tansi, considerada a mais sensata, desenvolta e graciosa de todas, disse a Ricaredo:

– Mas que é isto, senhor Ricaredo? Que armas são estas? Pensava, porventura, que vinha aqui para lutar com inimigos? Pois na verdade todas aqui somos suas amigas, exceto talvez Isabela, que, como espanhola, é forçada a não lhe querer grande bem.

– Que ela se lembre de me querer algum bem, senhora Tansi, pois uma vez na sua lembrança – disse Ricaredo – sua vontade será boa, pois onde há tanto valor, inteligência e formosura, não cabe a fealdade da ingratidão.

Ao que Isabela respondeu:

– Senhor Ricaredo, pois que hei de ser vossa, a vós cabe exigir de mim que o recompense dos louvores que me fez e das mercês que pensais fazer-me.

Estas e outras amáveis palavras trocou Ricaredo com Isabela e com as outras damas, entre as quais se encontrava uma donzela muito jovem, que não despregava os olhos dele. Levantava-lhe as escarcelas para ver o que estava debaixo, mexia na espada e, com simplicidade de menina, queria ver-se refletida na armadura, como num espelho; e quando ele partiu, a mocinha, voltando-se para as damas, disse:

– Agora, senhoras, imagino que a guerra deve ser coisa formosíssima, pois até no meio das mulheres impressionam bem os homens armados.

– E como impressionam! – respondeu a senhora Tansi. – Pois basta olhar para Ricaredo para se ter a impressão de que o próprio Sol desceu à Terra e naquele traje magnífico vai caminhando pela rua.

Riram todas do dito da donzela e da exagerada comparação da senhora Tansi; e não faltou quem censurasse Ricaredo por ter vindo armado a palácio, embora outros o desculpassem dizendo que sua condição de militar lhe permitia demonstrar bravura com toda a pompa.

Ricaredo foi recebido por seus pais, amigos, parentes e conhecidos com provas de grande afeto. E, nessa noite, todo o povo de Londres festejou com manifestações de alegria a sua vitória. Os pais de Isabela já se encontravam em casa de Clotaldo, a quem Ricaredo revelara quem eram, pedindo-lhe, porém, que nada fosse contado acerca da filha, até que ele próprio o fizesse. E esta mesma recomendação fez a Dona Catalina, sua mãe e a toda a criadagem da casa.

Ainda naquela noite, com muitos baixéis, lanchas e barcos, e na presença de uma multidão maravilhada, começou Ricaredo a descarregar a grande nau, o que levou mais de oito dias, tantas eram as especiarias e outras riquíssimas mercadorias contidas em seus porões.

No dia seguinte a esta noite, Ricaredo voltou ao palácio, levando consigo os pais de Isabela, com trajes novos à inglesa, dizendo-lhes que a rainha queria vê-los.

A rainha achava-se no meio das suas aias, à espera de Ricaredo, para quem, para ser agradável, pôs Isabela junto de si, usando aquele primeiro vestido com que se apresentara no palácio, mostrando-se agora não menos formosa do que então. Os pais de Isabela ficaram fascinados ao ver tanta grandeza e tanto fausto reunidos. Olharam para a filha e não a reconheceram, embora o coração, pressagiando o bem tão próximo, lhes começasse a palpitar no peito, não com um sobressalto de tristeza, mas com um não sei quê de prazer cujas causas não conseguiam atinar.

Não consentiu a rainha que Ricaredo permanecesse de joelhos diante dela; mandou que se levantasse e tomasse lugar numa cadeira baixa, colocada ali só para ele – rara mercê para a altiva condição da rainha. O que levou um dos presentes a fazer o seguinte comentário:

– Ricaredo não está sentado hoje na cadeira que lhe foi dada, mas sim nas especiarias que trouxe.

Outro acrescentou:

– Verifica-se agora o que se costuma dizer: que as dádivas quebram penedos,

pois as que trouxe Ricaredo abrandaram o duro coração de nossa rainha.

E outro ainda:

– Agora que está tão bem encilhado, mais de dois são capazes de se atrever a montá-lo.

Com efeito, aquela nova honraria que a rainha concedera a Ricaredo fez a inveja brotar no peito de muitos que ali o viam, pois não há mercê feita pelo príncipe a um seu súdito prestigiado que não seja lança atravessada no coração do invejoso.

Quis a rainha saber de Ricaredo pormenores da batalha com as galeras dos corsários. Ele de novo a relatou, atribuindo a vitória a Deus e aos braços de seus valorosos soldados, enaltecendo todos em geral e destacando os feitos de alguns que se tinham distinguido mais, o que levou a rainha a conceder mercês a todos, e em especial a estes últimos. Quando chegou a ponto de contar como dera, em nome de Sua Majestade, a liberdade a turcos e cristãos, disse:

– Aquela mulher e aquele homem que estão ali – e apontou para os pais de Isabela – são, como ontem disse a Vossa Majestade, os espanhóis que, desejosos de ver vossa grandeza, me pediram encarecidamente que os trouxesse comigo. São de Cádiz e, pelo que me contaram, como pelo que neles observei, sei que são gente importante e de valor.

Mandou a rainha que se aproximassem. Isabela ergueu os olhos para ver os que diziam ser espanhóis e, além disso, de Cádiz, desejosa de saber se conheceriam seus pais. Mal Isabela se fixou neles, sua mãe também a olhou, detendo os passos para a fixar mais atentamente, enquanto na memória de Isabela começaram a despertar confusas lembranças que lhe davam a entender que já vira, noutros tempos, aquela mulher que estava ali, à sua frente. O pai achava-se também confuso, sem se atrever a acreditar no que seus olhos viam. Ricaredo mostrava-se atentíssimo à perturbação daquelas três almas perplexas, tão confusas por lhes parecer que se conheciam. A rainha percebeu o embaraço de ambos e o desassossego de Isabela, porque a viu transpirar e levar várias vezes as mãos ao cabelo. Mostrou-se então Isabela ansiosa que falasse aquela que pensava ser sua mãe, na esperança de que os ouvidos a arrancassem da dúvida em que os olhos a tinham posto.

A rainha mandou que Isabela perguntasse em língua espanhola àquela mulher e àquele homem por que não tinham querido aceitar a liberdade que Ricaredo lhes oferecera, uma vez que a liberdade é a coisa mais amada, não só pelos humanos como pelos próprios animais.

A jovem fez a pergunta à mãe, a qual, sem responder palavra, alheia e

cambaleante, se aproximou dela e, sem pensar em respeitos, temores ou olhares cortesãos, levou a mão à orelha direita de Isabela e descobriu nela um sinal escuro ali existente, o que acabou por confirmar a sua suspeita; e vendo claramente que Isabela era sua filha, abraçou-se a ela bradando:

– Querida filha do meu coração! Joia preciosa da minha alma! – E sem poder dizer mais nada desmaiou nos braços de Isabela.

O pai, não menos terno, embora comedido, manifestou sua emoção não com palavras, mas derramando lágrimas que, suavemente, lhe banharam o rosto e as venerandas barbas.

Isabela encostou o rosto no de sua mãe e, olhando para seu pai, fitou-o de tal forma que lhe deu a entender a felicidade que sua alma sentia de os ver ali.

A rainha, surpresa com o que se passava, disse a Ricaredo:

– Penso, Ricaredo, que foi por tua bem intencionada iniciativa que se deu este encontro, mas ninguém te diga que foi muito acertado, pois é sabido que tanto pode matar uma súbita alegria como uma grande tristeza.

Dizendo isto, voltou-se para Isabela e a afastou da mãe, a qual, depois de lhe terem passado água no rosto, recobrou os sentidos e, estando um pouco mais recomposta, postou-se de joelhos ante a rainha dizendo:

– Perdoe, Vossa Majestade, o meu atrevimento, mas não é demais perder os sentidos pela alegria de ter achado joia tão querida.

A rainha deu-lhe toda a razão, e para que a compreendesse fez que Isabela servisse de intérprete, a qual já tendo reconhecido seus pais e sido reconhecida por eles, mandou a rainha que estes ficassem no palácio, para que com mais vagar pudessem falar à filha, e com ela se alegrarem pelo reencontro. Tudo isto alegrou muito Ricaredo, que de novo pediu à rainha que cumprisse a palavra de lhe dar Isabela, se é que a merecia; e, se não o achasse ainda merecedor dela, ali lhe suplicava que o fizesse se ocupar de coisas que o tornassem digno do que tanto desejava.

A rainha compreendeu bem que Ricaredo estava confiante em si mesmo e no seu valor, pelo que achou desnecessário exigir dele novas provas; por isso lhe disse que dali a quatro dias lhe entregaria Isabela, com as maiores honras possíveis.

Assim se despediu Ricaredo felicíssimo com a esperança de em breve ter Isabela, sem mais receio de perdê-la, que esse é o maior desejo de quem ama.

Decorreu o tempo, mas não tão depressa quanto ele desejara, pois quem vive na esperança de promessas futuras sempre imagina que, em vez de voar, o tempo anda com os pés da própria preguiça.

Chegou por fim o dia, não em que Ricaredo pensava pôr fim a seus anseios, mas sim em achar em Isabela novos encantos que o levassem a amá-la ainda mais, se tal fosse possível.

Mas naquele curto espaço de tempo, quando supunha que a nave de sua ventura singrava com vento favorável rumo ao porto desejável, a sorte adversa levantou no mar do seu destino uma tal tormenta que mil vezes receou naufragar.

O caso foi que a camareira-mor da rainha, a quem fora confiada Isabela, tinha um filho de vinte e dois anos, o conde Ernesto. A grandeza de sua condição, a nobreza de sua estirpe, a grande consideração que a rainha tinha por sua mãe faziam-no mais arrogante, altivo e confiado do que era justo. Ora, apaixonou-se Ernesto tão perdidamente por Isabela, que na luz dos olhos dela tinha a alma abrasada; e embora, durante a ausência de Ricaredo, lhe houvesse dado mostras dos seus sentimentos, Isabela sempre lhe opôs barreira; e embora a rejeição e o desdém, no começo dos amores, façam desistir os namorados das suas inclinações, em Ernesto, o efeito foi contrário, e os inúmeros e patentes desdémns recebidos da honesta Isabela ainda atearam mais o fogo dos seus ciúmes. E vendo Ernesto que Ricaredo, na opinião da rainha, merecera a mão de Isabela, com quem dentro de poucos dias iria se casar, ficou tão desesperado que pensou em se suicidar. Mas antes de chegar a tão infame e covarde solução, pediu à sua mãe para suplicar à rainha que esta lhe desse Isabela por esposa; se tal não conseguisse, avisou à mãe de que a morte o estava chamando às portas da vida.

A camareira ficou muito perturbada com os sentimentos expostos pelo filho, e como conhecia a aspereza do seu feitio arrogante e a tenacidade com que os desejos se lhe apegavam na alma, receou que tais amores acabassem em um desastroso desenlace. Em vista disso, como mãe que era, desejando e procurando o bem de seu filho, logo lhe prometeu falar à rainha, não com esperança de convencê-la a faltar à palavra dada, mas só para não deixar de tentar os últimos recursos.

Estava Isabela, naquela manhã, tão ricamente vestida, que a pena não se atreve a descrevê-la. A própria soberana lhe havia posto ao pescoço um colar das mais belas pérolas trazidas pela nave, avaliadas em vinte mil ducados, e metido no dedo um anel de diamantes, estimado em seis mil escudos. As aias andavam alvoroçadas com os preparativos para a festa das bodas próximas. Súbito, a camareira-mor entrou nos aposentos da rainha e de joelhos lhe suplicou que adiasse por dois dias mais o casamento de Isabela, acrescentando que se Sua Majestade lhe concedesse esta única mercê se sentiria paga de todas as demais mercês que por seus serviços merecia e esperava.

Quis a rainha saber primeiro por que motivo com tanto empenho ela lhe pedia aquele adiamento que tão diretamente ia contra a palavra dada a Ricaredo. A camareira, porém, não lhe quis dizer o motivo antes de a rainha lhe prometer que a atenderia; a rainha, desejosa de saber a causa daquela demanda, acedeu. Assim, depois de alcançar o desejado, a camareira contou a paixão do filho e o temor de que ele viesse a se suicidar, caso não conseguisse Isabela por esposa, ou então fazer algum escândalo; e que, se pedia aqueles dois dias de adiamento, era para dar tempo a Sua Majestade de pensar e encontrar meio a propósito e conveniente de dar remédio à terrível paixão de seu filho.

A rainha respondeu que, se não tivesse empenhado já a sua real palavra, ainda poderia achar saída para tão intrincado labirinto, mas que por nada neste mundo estava disposta a faltar ao prometido nem a fraudar as esperanças de Ricaredo.

Esta foi a resposta que a camareira deu ao filho, o qual, imediatamente, arrebatado pela paixão e ciúmes, se munuiu de todas as armas e, montando num magnífico cavalo, se apresentou diante da casa de Clotaldo, e aos berros, intimou Ricaredo a aparecer à janela. Este, que nesse momento já se achava vestido com ricos trajes de noivo e pronto para ir ao palácio com o seu séquito, ouvindo tais brados e informado de quem os dava e do modo como vinha, assomou sobressaltado à janela. E Ernesto, assim que o viu, exclamou:

– Ricaredo, presta bem atenção no que vou te dizer! A rainha, minha senhora, mandou que praticasses façanhas que te tornassem merecedor da incomparável Isabela. Foste e voltaste com os navios carregados de ouro, com o qual pensas ter comprado e merecido Isabela. E se minha senhora a rainha a prometeu a ti, só por supor não existir ninguém na corte capaz de melhor a servir, nem quem com melhores títulos pudesse merecer Isabela, bem pode ser que, nisto, a minha soberana se tenha enganado. E uma vez que estou certo disto, afirmo que não fizeste nada que te torne merecedor de Isabela, nem coisa alguma poderás fazer que tão alto te levante! E porque não a mereces, se queres afirmar o contrário, eu te desafio para um duelo de morte!

Calou-se o conde, e Ricaredo assim lhe respondeu:

– De forma alguma devo aceitar o seu desafio, conde, pois não só confesso que não mereço Isabela, como também reconheço que não existe ninguém no mundo digno dela. Assim sendo, volto a afirmar que nada tenho a ver com o seu desafio. Mas aceito-o, pelo atrevimento que teve em me desafiar.

Dito isto, fechou a janela e pediu que lhe trouxessem logo as suas armas. Alvorocaram-se os parentes, e todos quantos ali estavam para acompanhá-lo ao palácio. Dentre os muitos que viram o conde Ernesto armado e ouviram o seu

desafio, não faltou quem fosse contar à rainha, que mandou imediatamente o capitão da sua guarda prender o conde. O capitão agiu com rapidez, pois chegou no momento em que Ricaredo saía de casa, com as armas com que desembarcara, mas agora montando em soberbo cavalo.

Quando o conde avistou o capitão, logo imaginou o motivo da sua vinda. Decidido a não se deixar prender, levantou a voz para ser ouvido por Ricaredo:

– Estás vendo, Ricaredo, que nos impedem de lutar. Se tiveres vontade de me castigar, tu me procurarás; e como eu não desejo senão te castigar, também eu te procurarei. E como dois que se buscam, sempre se encontram, deixemos para depois a execução dos nossos desejos.

– De acordo – respondeu Ricaredo.

Entretanto, chegou o capitão com toda a sua guarda e disse ao conde que estava preso em nome da Sua Majestade. Respondeu o conde que se entregaria mas com a condição de o levarem à presença da rainha. O capitão concordou e o levou debaixo de escolta até ao palácio perante a rainha, a qual, já informada por sua camareira-mor da grande paixão do filho por Isabela, também já fora instada por esta, em lágrimas, que perdoasse o conde, pois sendo jovem e apaixonado, a bem maiores erros estava sujeito.

Chegado Ernesto à presença da rainha, esta, sem comentar com ele os motivos de sua conduta, mandou que lhe tirassem a espada e o prendessem numa torre.

Tudo isto atormentou o coração de Isabela e de seus pais, que tão cedo viam turbado o mar de seu sossego. A camareira-mor, por sua vez, aconselhou a rainha a, para evitar as desavenças que podiam ocorrer entre a sua parentela e a de Ricaredo, que se cortasse o mal pela raiz, enviando Isabela para a Espanha. Desta forma, segundo ela, se evitariam terríveis consequências. E acrescentou ainda, para reforçar o seu parecer, que uma vez que Isabela era tão fervorosamente católica, o que nenhum dos seus muitos argumentos a haviam feito mudar, essa moça nunca renegaria o seu credo.

Respondeu a rainha dizendo que justamente por isso ainda mais estimava Isabela, pois tão bem sabia conservar a fé que seus pais lhe haviam transmitido; e quanto a mandar a moça para a Espanha, não adiantava insistir, porque sua formosa presença e inúmeras graças e virtudes lhe davam muita satisfação. Acrescentou que, se não naquele dia, em breve a daria como esposa a Ricaredo, conforme o prometido.

Com esta resolução da rainha, ficou a camareira-mor tão desconsolada, que não disse palavra. Parecendo-lhe, como já lhe parecera, que só afastando Isabela conseguiria abrandar a má disposição do filho e levá-lo a fazer as pazes com

Ricaredo, resolveu praticar uma das maiores crueldades que jamais arquitetou uma dama de sua linhagem: envenenar Isabela. E como quase toda mulher é rápida e determinada, nessa mesma tarde pôs veneno num chá que lhe serviu sobre pretexto de que a aliviaria das ânsias de coração que sentia.

Pouco depois de Isabela ter tomado o tal chá, começou a sentir a língua e a garganta inchadas, seus lábios ficaram roxos, a voz, enrouquecida, os olhos, turvos e uma grande opressão no peito, sintomas evidentes de que fora envenenada.

As aias correram à rainha para lhe contar o sucedido, acusando a camareira-mor de tão cruel ação.

Não foi difícil à rainha acreditar na autoria desse horror, e correu logo a visitar Isabela, que estava quase agonizante.

Mandou então a rainha chamar às pressas seus médicos, e enquanto não vinham ordenou que lhe ministrassem grande quantidade de pós de unicórnio, e outros antídotos, que os príncipes costumam ter de reserva para emergências como esta. Chegaram então os médicos que reforçaram os medicamentos e pediram à rainha que obrigasse a camareira a dizer que gênero de veneno tinha dado a Isabela, pois já ninguém duvidava que fora ela a envenenadora. Ela confessou, e os médicos aplicaram tantos e tão eficazes remédios que, graças a eles e à ajuda de Deus, Isabela foi salva, ou pelo menos houve esperança de salvá-la.

A rainha mandou prender a camareira numa pequena cela do palácio, com a intenção de castigá-la, conforme o seu crime o exigia, embora ela se defendesse dizendo que, matando Isabela, prestava um serviço ao Céu, pois libertava a terra de uma católica, ao mesmo tempo que acabavam os problemas do filho.

Ricaredo, ao saber destas tristes notícias, esteve a ponto de perder a razão, tais coisas fazia e a maneira lúgubre como se lamentava.

Isabela não perdeu a vida, mas a natureza lhe comotou a pena deixando-a sem sobrancelhas, sem pestanas e sem cabelo, de rosto inchado, a pele escamosa e sem cor, os olhos lacrimejantes. Em suma, tão feia que, assim como até ali fora um milagre de formosura, ficou transformada num monstro de fealdade. Os que a conheciam consideravam maior desgraça ela ter ficado naquele estado do que se tivesse morrido.

Apesar disto, Ricaredo voltou a pedir a sua mão à rainha, e suplicou que a deixasse levar para sua casa, porque o amor que lhe dedicava se transferia do corpo à alma e se Isabela perdera a beleza não perdera as infinitas virtudes.

– Tens razão – disse a rainha. – Leva-a, Ricaredo, e faz de conta que levas

uma joia de alto valor encerrada num tosco escrínio. Deus sabe quanto lamento não te poder entregar Isabela como tu ma entregaste; mas já que não é possível, espero que me perdoes. Pelo menos o castigo que vou dar à autora de tamanho crime talvez desfaça um pouco o teu legítimo desejo de vingança.

Muitas coisas disse Ricaredo à rainha, desculpando a camareira e pedindo para ela o perdão, pois as desculpas que apresentava eram suficientes para perdoar os maiores agravos.

Por fim, lhe entregaram Isabela e seus pais, e Ricaredo os levou para casa, ou seja, para a de seus pais. E às magníficas pérolas e ao diamante, a rainha acrescentou outras joias e outros vestidos tão belos que bem demonstravam o amor que tinha por Isabela. Esta, durante dois meses, continuou desfigurada, sem qualquer indício de que voltaria à primitiva formosura. Mas ao cabo deste tempo, a pele começou a mudar, e a deixar entrever a sua bela tez.

Entretanto, os pais de Ricaredo, achando que Isabela nunca mais voltaria a ser o que fora, resolveram mandar vir da Escócia a donzela com quem anteriormente tinham pensado casar Ricaredo. Nada disseram a este, certos de que a beleza presente da nova noiva lhe faria esquecer Isabela, a quem projetavam enviar de volta à Espanha, em companhia dos pais, dando-lhes fortuna que compensasse suas passadas desventuras.

Não decorrera ainda mês e meio quando, sem Ricaredo saber de nada, a escocesa chegou a sua casa, com um séquito à altura de sua estirpe, e tão formosa que, depois do que fora Isabela, não havia outra mais bela em toda Londres.

Ricaredo ficou perturbado com a imprevista chegada da donzela escocesa, e receou que o desgosto de sua vinda pusesse em risco a vida de Isabela; e assim, para temperar esse medo, acercou-se do leito em que estava Isabela, junto do qual os pais lhe faziam companhia, e diante de todos disse:

– Isabela da minha alma! Meus pais, com o grande amor que me dedicam, e ainda sem saberem bem do muito que te amo, trouxeram para esta casa uma donzela escocesa com quem haviam combinado casar-me antes de te conhecer. Eles agiram assim, creio, convencidos de que a grande beleza desta donzela apagaria em minha alma a tua, que nela trago gravada. Eu, Isabela, desde que comecei a te amar foi com um amor diferente daquele que se basta com a simples satisfação dos sentidos, pois embora a tua beleza física me tivesse cativado, as tuas infinitas virtudes me aprisionaram a alma a ponto de, se te desejei formosa, continuar a te adorar mesmo feia. E para confirmar esta verdade, dá-me a tua mão.

Ela lhe deu a mão direita, e ele, juntando-a à sua, prosseguiu:

– Pela fé católica que meus pais me ensinaram, ainda que não a cumpra na sua inteira pureza, por ela, que está à guarda do Pontífice romano, pois é essa que no íntimo confesso, e na qual creio, pelo Deus verdadeiro que nos está ouvindo, prometo, ó Isabela, metade da minha alma, ser teu esposo e assim me considero desde o momento em que me queiras erguer à altura de te pertencer.

Isabela ficou emocionada com as palavras de Ricaredo, e os pais atônitos, pasmados. Ela não soube o que dizer, nem o que fazer, senão beijar repetidas vezes a mão de Ricaredo, até que por fim, com a voz repassada de lágrimas, disse que o aceitava como marido e se entregava a ele como escrava. Ricaredo beijou-lhe o feio rosto, ousadia a que nunca se atrevera quando belo. Os pais de Isabela festejaram com muitas e enternecidas lágrimas aquele noivado. Ricaredo disse-lhes que adiaría o casamento com a escocesa já em sua casa, da forma que depois veriam, e pediu que não recusassem a oferta do pai de os enviar à Espanha, e o aguardassem dentro de dois anos em Cádiz ou em Sevilha, jurando que dentro desse prazo iria se reunir a eles, se Deus lhe concedesse esse tempo de vida. Caso não comparecesse em tal prazo, podiam ficar certos que só um grande impedimento, ou a morte, lhe travara o caminho.

Isabela respondeu que o esperaria não apenas dois anos, mas a vida inteira até ter certeza de que ele não continuava vivo, e que, se isso acontecesse, ela morreria no instante em que o soubesse.

Com estas amorosas palavras todos se emocionaram e Ricaredo saiu para dizer aos pais que de maneira alguma se casaria com a escocesa, nem com ela tomaria compromisso, sem antes ir a Roma para pôr em paz sua consciência. Tais argumentos soube apresentar aos pais e aos parentes de Cristerna – assim se chamava a escocesa – que, sendo também católicos, facilmente o acreditaram. Condescendeu Cristerna em ficar em casa do futuro sogro até o regresso de Ricaredo, o qual pediu o prazo de um ano.

Isto posto e combinado, Clotaldo disse a Ricaredo que estava resolvido a enviar Isabela e os pais para Espanha, caso a rainha lhe desse licença: talvez os ares da pátria apressassem e facilitassem a recuperação da saúde de Isabela, que já começara a melhorar.

Ricaredo, para não revelar seus intentos, respondeu tibiamente ao pai que fizesse como melhor lhe parecesse. Apenas lhe pediu que deixasse Isabela com todas as riquezas que a rainha lhe concedera. A isso se comprometeu Clotaldo, e nesse mesmo dia, foi a palácio solicitar a autorização da rainha para casar o filho com Cristerna, e também para repatriar Isabela e os pais.

A tudo acedeu a rainha, considerando acertada a decisão de Clotaldo, e em seguida, sem recorrer a juristas nem levar a camareira a julgamento, condenou-a a ser banida de suas funções no paço e a pagar dez mil escudos de ouro a Isabela. Ao conde Ernesto, pelo desafio que lançara a Ricaredo, desterrou-o por seis anos da Inglaterra.

E quatro dias ainda não eram decorridos, já Ernesto estava pronto a partir para o desterro, e o dinheiro era entregue à rainha. Esta chamou um rico mercador francês, residente em Londres, que tinha representantes na França, Itália e Espanha, a quem confiou os dez mil escudos, para os entregar ao pai de Isabela em Sevilha ou em outra praça espanhola. O mercador, descontados os juros e despesas, comprometeu-se perante a rainha a obter com segurança uma letra a ser descontada por intermédio de outro mercador francês seu correspondente em Sevilha, e procederia da seguinte forma: primeiro escreveria para Paris a um seu correspondente que se encarregaria de emitir letras datadas da França para Sevilha, visto estarem interrompidas as relações da Inglaterra com a Espanha. Bastaria ao pai de Isabela levar uma carta-aviso sua, sem data e com suas contrassenhas, para que imediatamente o seu correspondente de Sevilha, já avisado por Paris, lhe entregasse o dinheiro.

A rainha exigiu tais garantias do mercador que não hesitou em pagá-lo bem. E não satisfeita com isto, mandou chamar o comandante de uma nau flamenga, pronta a zarpar no dia seguinte para a França, tocando num porto francês apenas para constar como tendo saído da França e não da Inglaterra, e assim obter licença de aportar na Espanha. Pediu-lhe a rainha, encarecidamente, para levar Isabela e seus pais, com toda a segurança e bom tratamento, desembarcando-os no primeiro porto da costa de Espanha a que chegasse.

O comandante, que desejava agradar à rainha, disse que assim faria, e que os desembarcaria em Lisboa, Cádiz ou Sevilha. Tomadas, pois, todas as precauções com respeito ao mercador francês, a rainha mandou dizer a Clotaldo para deixar, na posse de Isabela, tudo o que ela lhe dera, tanto joias como vestidos.

No dia seguinte, Isabela e seus pais foram se despedir da rainha, que os recebeu com muito carinho. Deu-lhes a carta do mercador e muitos outros presentes, não só dinheiro como diversas coisas úteis para a viagem. De tal modo Isabela se mostrou grata, que de novo tocou a rainha a ponto de lhe oferecer no futuro ainda mais mercês.

Despediu-se Isabela das aias, as quais, vendo-a agora assim tão feia, já não queriam que partisse, livres já da inveja que sua beleza lhes causava e desejosas de poderem usufruir suas qualidades e méritos.

A rainha abraçou os três, encomendando-os à boa ventura e ao comandante da nau, e pediu a Isabela que mal chegasse a Espanha lhe mandasse dizer, por intermédio do mercador francês, se fizera boa viagem e se sua saúde melhorara. Logo em seguida, despediu-se de Isabela e de seus pais, que naquela mesma tarde embarcaram, não sem lágrimas de Clotaldo, de sua mulher e de todos os de sua casa, onde tão extremadamente estimavam a jovem e infeliz espanhola.

Ricaredo não assistiu à despedida pois, para não revelar os seus sentimentos, fora passar o dia em casa de amigos.

Muitos foram os presentes de Dona Catalina a Isabela, muitos os abraços, copiosas as lágrimas e inúmeras as recomendações para que desse notícias; e os agradecimentos de Isabela corresponderam a tudo; pois, embora chorando, os deixou satisfeitos.

Naquela noite, a nau içou as velas, e com vento propício tocou em França, onde foi obtida a documentação necessária para aportar em Espanha. Dali a trinta dias a nau fundeava em Cádiz, onde Isabela e seus pais desembarcavam; conhecidos de todos os habitantes da cidade, foram recebidos com grande regozijo, sendo os pais muito felicitados por terem encontrado a filha e pela liberdade alcançada, não só do cativeiro dos turcos que os haviam capturado (fato que todos conheciam através dos cativos libertados graças à liberalidade de Ricaredo), como também dos ingleses.

Já então Isabela dava grandes esperanças de vir a recuperar a sua antiga formosura.

Pouco mais de um mês permaneceram em Cádiz, até que, restabelecidos das fadigas da viagem, foram dali a Sevilha ver se cobravam os dez mil escudos confiados ao mercador francês. Procuraram-no dois dias após chegarem lá e assim que o encontraram lhe deram a carta do seu patrício comerciante em Londres. Ele reconheceu a autenticidade da carta e disse que não poderia lhes entregar o dinheiro enquanto não chegassem de Paris as letras e a carta-aviso, o que, segundo ele, não tardaria a acontecer.

Os pais de Isabela alugaram então uma mansão defronte de Santa Paula, santo convento onde era freira uma sobrinha sua, extremamente dotada para o canto. E ali foram morar não só pelo prazer de estarem perto dela, como também porque Isabela dissera a Ricaredo que, se ele a viesse buscar, a encontraria em Sevilha, onde sua prima, freira de Santa Paula, lhe indicaria onde morava. Para achar sua prima, bastaria que ele perguntasse pela monja de melhor voz no convento, senha que não poderia esquecer.

Quarenta dias demoraram ainda as cartas de Paris; dois dias depois de chegadas, o mercador francês entregou os dez mil escudos a Isabela, e ela, por sua vez, deu-os a seus pais. Com esse dinheiro e algum mais obtido com a venda de algumas das muitas joias de Isabela, voltou o pai a exercer a profissão de comerciante, não sem surpresa dos que estavam a par de suas grandes perdas. Enfim, em poucos meses foi restaurado o crédito perdido, e a beleza de Isabela ia voltando ao que fora, a ponto de, ao falar de formosas, todos darem o primeiro lugar à *espanhola inglesa*, nome pelo qual era conhecida em toda a cidade. Por intermédio do mercador francês de Sevilha, Isabela e seus pais escreveram à rainha da Inglaterra, contando-lhe a chegada, renovando os agradecimentos e homenagens que eram devidos às muitas mercês recebidas. Escreveram também a Clotaldo e à sua mulher Dona Catalina, a quem Isabela tratou por pais e os pais por senhores. Da rainha não obtiveram resposta, mas receberam-na de Clotaldo e sua mulher, ambos os felicitando por terem chegado sãos e salvos e lhes comunicando que seu filho Ricaredo, no dia seguinte ao do embarque deles, partira para a França e dali a outros lugares onde lhe convinha ir para tranquilidade da consciência, acrescentando outras coisas de muito afeto e não menores oferecimentos. Responderam os pais de Isabela não menos cordial e afetuosamente com outra carta de agradecimento.

Isabela pensou logo que Ricaredo deixara a Inglaterra a fim de buscá-la na Espanha e, animada com esta esperança, sentia-se a pessoa mais feliz do mundo; procurava viver de maneira que Ricaredo, quando chegasse a Sevilha, ouvisse falar de suas virtudes antes de saber onde morava.

Raras vezes saía de casa, a não ser para ir ao convento; não tinha outros júbilos que não os que lhe eram proporcionados no mosteiro. No oratório de seu quarto, percorria em pensamento as sextas-feiras de quaresma, a santíssima estação da cruz e os sete atributos do Espírito Santo. Nunca foi ver o rio, nem passou em Triana, nem assistiu às animadas festas populares no campo de Tablada e na porta de Jerez, no dia, quando faz bom tempo, de São Sebastião, festejado por tanta gente que se perde a conta. Enfim, nunca apareceu em festas públicas de Sevilha: sempre recolhida e em orações, esperando Ricaredo.

Este seu grande retraimento despertava e abrasava os desejos não só dos janotas do bairro, como de todos quantos uma só vez a haviam vislumbrado. Daí, nasceram serenatas à noite e os passeios de dia, frequente à sua casa. Esta atitude de se esconder despertou a cobiça de muitos, deu origem a que aparecessem intermediárias, espécie de alcoviteiras, que prometiam ser as primeiras e únicas a solicitar os favores de Isabela. E não faltou também quem, para a conquistar,

recorresse ao uso dos chamados feitiços, que não passam de embustes e disparates. Isabela, porém, resistia a tudo isso como rochedo no meio do mar, inabalável sob os afagos ou a violência do vento e das ondas.

Já passara ano e meio quando a esperança do fim próximo do prazo de dois anos prometidos por Ricaredo começou, com mais afinco do que até então, a agitar o coração de Isabela; e quando já lhe parecia que o noivo chegava, e o tinha ali diante dos olhos e lhe perguntava que impedimentos o haviam retido tanto; quando a seus ouvidos já chegavam as desculpas do noivo, e ela o perdoava e abraçava, recebendo-o como a metade de sua própria alma, chegou às suas mãos uma carta de Dona Catalina, datada de Londres cinquenta dias antes, escrita em inglês, que dizia:

“Filha da minha alma:

Conheceste bem Guilharte, o pajem de Ricaredo. Ele acompanhou Ricaredo na viagem que empreendeu, conforme te escrevi, à França e a outros países, logo no dia seguinte ao da tua partida. Pois este mesmo Guilharte, ao fim de dezesseis meses sem novas de meu filho, voltou ontem a nossa casa com a notícia de que o conde Ernesto matara à traição, em França, o nosso Ricaredo. Podes avaliar, filha, o desgosto que esta notícia nos causou, a mim, ao pai e também à sua noiva, Cristerna. Notícia tanto mais terrível que não podemos duvidar da nossa desventura. O que eu e Clotaldo te rogamos, filha da minha alma, é que encomendes a Deus nas tuas orações a alma do nosso querido Ricaredo, pois bem merece este benefício pelo muito bem que te quis, como sabes. Pedirás também a Nosso Senhor que nos dê paciência e uma boa morte, que em troca lhe rogaremos que dê a ti e a teus pais longos anos de vida.”

Pela letra e pela assinatura não restavam a Isabela dúvidas quanto à morte do noivo. Conhecia muito bem o pajem Guilharte e sabia que era sincero, e por si mesmo não teria querido, nem teria motivo para simular aquela morte; e muito menos a mãe, Dona Catalina, a fingiria, por não ter nenhum motivo para lhe dar notícias tão tristes. Mas, por mais que meditasse, nada lhe tirava do pensamento a ideia de que era falsa a notícia de sua desventura. Acabando de ler a carta, sem derramar uma lágrima, sem dar mostras da grande dor que sentia, com fisionomia serena e o coração aparentemente tranquilo, dirigiu-se ao seu oratório, foi se ajoelhar diante de um crucifixo e fez a promessa de se tornar freira, pois o podia ser, considerando-se viúva.

Os pais dissimularam discretamente o desgosto que lhes causara tão triste notícia, para não aumentar o da filha. Esta, por sua vez, quase conformada com

seu sofrimento, temperando-o com a santa e cristã decisão tomada, consolava os pais a quem revelou o seu intento, ao que eles a aconselharam a não o levar a efeito sem terem decorridos os dois anos que Ricaredo fixara para a sua vinda, pois assim se confirmaria a verdade de sua morte, e ela poderia então, com mais segurança, mudar de estado.

Isabela seguiu este conselho, e os seis meses e meio que faltavam para se cumprirem os dois anos ela os ocupou em exercícios espirituais e em acertar a sua entrada num convento, sendo que escolheu o de Santa Paula, onde estava sua prima.

Cumpriram-se os dois anos e chegou o dia de Isabela tomar o hábito. Tendo a notícia corrido pela cidade, todos os que a conheciam de vista e também os que apenas sabiam da sua fama acorreram ao mosteiro e às imediações da casa que ficava defronte. O pai convidou os amigos e estes, por sua vez, convidaram outros, e, assim, todos juntos fizeram a Isabela uma das mais belas comitivas que em semelhantes atos se vira em Sevilha. Compareceram o assistente, o provisor da igreja e o vigário do arcebispo, seguidos das damas e dos cavalheiros mais ilustres da cidade, pois era desejo de todos ver o sol da formosura de Isabela, durante tantos meses eclipsado. E como é costume nas donzelas que vão tomar hábito irem o mais elegante possível e bem ataviadas, como quem naquela ocasião diz adeus ao resto de vaidade e dela se descarta, quis Isabela ir o mais luxuosa possível, vestindo aquele mesmo traje que envergara quando fora conhecer a rainha da Inglaterra, do qual já se disse quão rico e vistoso era. Saíram de novo à luz as pérolas e o famoso diamante, mais o colar e o cinto igualmente de grande valor.

Com todos esses adornos e sua elegância natural, dando ocasião a que todos nela a Deus louvassem, saiu Isabela a pé, de casa, pois a curta distância do convento dispensava coches e carruagens; mas era tanta a gente aglomerada que muitos se arrependeram de não haver utilizado carruagens, tão difícil foi chegar ao convento. Uns bendiziam os pais de Isabela, outros o Céu que tanta formosura lhe dera; alguns se erguiam na ponta dos pés para a verem; outros ainda, que já a tinham visto uma vez, corriam à frente para vê-la de novo; e quem mais solícito nisso se mostrava, de tal forma que se tornou notado, foi um homem vestido com o hábito usado pelos que voltam do cativeiro, com uma insígnia da Trindade no peito, sinal de que fora resgatado por esmola dos seus redentores.

No momento em que Isabela ia transpor o umbral do convento, onde, como é costume, a madre superiora e as monjas com a cruz se preparavam para recebê-

la, o cativo liberto gritou:

– Para, Isabela, para, que enquanto eu for vivo não poderás ser religiosa!

A estas palavras, Isabela e os pais ergueram os olhos e viram que, abrindo caminho entre a multidão, vinha ao encontro deles aquele cativo que, tendo-lhe caído o barrete azul da cabeça, pôs a descoberto uma revolta madeixa de louros cabelos anelados, e um rosto branco e rosado, sinais que logo o identificaram perante todos como sendo estrangeiro. E com efeito, tropeçando e levantando-se, chegou junto de Isabela e, tomando-lhe a mão, disse:

– Reconheces-me, Isabela? Vê, sou Ricaredo, teu noivo!

– Sim, reconheço-te – disse Isabela –, se não és um fantasma vindo para me perturbar.

Os pais o seguraram e o examinaram atentamente, terminando por reconhecer Ricaredo no cativo que, chorando e de joelhos diante de Isabela, lhe suplicava que a estranheza do traje não a pusesse em dúvida, nem faltasse à palavra que os dois tinham jurado.

Isabela, apesar da impressão que na sua memória deixara a carta em que a mãe de Ricaredo lhe participara a morte do filho, acreditou mais nos seus olhos e na prova que tinha ali presente. Assim, abraçando-se ao cativo, disse:

– És sem dúvida o meu senhor, o único que pode impedir minha cristã determinação; és, sem dúvida, a metade de minha alma, o meu verdadeiro esposo. Estás gravado na minha mente e guardado no meu coração. As notícias que tua mãe e minha senhora me mandou sobre a tua morte, se não me tiraram a vida, me levaram a escolher a do convento, que ia agora adotar para sempre. Mas já que Deus, com tão justo impedimento, mostrou ter outros desígnios, não podemos, nem convém que, por minha parte, o contrariemos. Vem para a casa de meus pais, que é a tua, e ali tomarás posse de mim, conforme os preceitos de nossa santa fé católica.

Ouvindo estas palavras, o assistente, o vigário e o provisor do arcebispo, muito surpresos, quiseram logo saber que história era aquela, quem era aquele estrangeiro e de que casamento se tratava.

A tudo respondeu o pai de Isabela dizendo que aquela história pedia outro lugar e algum tempo para ser contada; por isso, pedia a todos que desejavam conhecê-la para o acompanharem a sua casa, que tão perto era, onde a contaria de modo a ficarem satisfeitos com a verdade e admirados com a grandeza e a estranheza daquele acontecimento.

Foi então que um dos presentes, erguendo a voz, disse:

– Senhores, este mancebo é um grande corsário inglês, que eu bem conheço.

Foi ele que há uns dois anos tomou aos corsários de Argel a nau portuguesa que vinha das Índias. Não há dúvida, é ele mesmo; eu o reconheço muito bem, pois foi quem me libertou e me deu dinheiro para regressar à Espanha, e não só a mim, como a outros trezentos cativos.

Esta revelação alvoroçou a toda a gente, avivando o desejo que todos sentiam de ver esclarecidas tão intrincadas coisas. Então, as pessoas mais notáveis, como o assistente e os dois eclesiásticos, voltaram a acompanhar Isabela a casa, deixando as monjas tristes, confusas e chorosas por perderem a companhia da formosa Isabela. Esta, chegando em casa, convidou aqueles senhores a se sentarem numa grande sala.

Embora Ricaredo desejasse ser ele a contar a sua história, achou melhor confiar a tarefa à eloquência e à sensatez de Isabela, já que ele não dominava bem o castelhano.

Calaram-se todos os presentes, e suspensos das palavras dela, ouviram a história, que reduzo ao que ela disse sobre tudo que aconteceu desde o dia em que Clotaldo a raptou de Cádiz até lá regressar, narrando a batalha de Ricaredo com os turcos, a sua generosidade com os cristãos, a jura trocada entre ambos de que seriam marido e mulher, o prazo de dois anos de espera, as notícias que recebera da morte dele, que julgou verdadeiras, e que a levaram a se resolver a entrar para o convento. Enalteceu ainda a magnanimidade da rainha, a fé católica de Ricaredo e de seus pais, e acabou pedindo a Ricaredo que contasse em seguida tudo o que lhe acontecera desde que partira de Londres até aparecer assim vestido de cativo e com o sinal de ter sido resgatado por esmolas.

– Assim farei – respondeu Ricaredo. – Vou tentar resumir tudo por que passei.

“Saí de Londres para evitar o casamento com Cristerna, a donzela católica escocesa que meus pais queriam me dar por mulher. Levava comigo Guilharte, o pajem que, segundo minha mãe mandou dizer, levou a Londres a notícia da minha morte. Atravessamos a França e chegamos a Roma, onde a minha alma se alegrou e minha fé se fortaleceu. Beije os pés do Sumo Pontífice, confessei meus pecados ao cardeal penitencieiro, que deles me absolveu e me entregou os documentos que atestam minha confissão e penitência, assim como minha submissão à nossa mãe universal, a Igreja.

“Feito isso, visitei os lugares, tão sagrados como inumeráveis, que há naquela cidade santa e, dos dois mil escudos em ouro que tinha, depus mil e seiscentos num cambista, para que os transferisse para esta cidade e os recebesse um tal de Roqui, florentino. Com os quatrocentos que me restaram, tencionando vir à Espanha, parti para Gênova, onde sabia estarem duas galeras daquele

estado prontas a zarpar para a Espanha. Com o meu criado Guilharte cheguei a um lugar chamado Aquapendente, que é o último domínio papal no caminho de Roma para Florença; e ali, numa estalagem ou pousada onde me apeei, encontrei o conde Ernesto, meu mortal inimigo. Viajava incógnito e disfarçado, na companhia de quatro lacaios; dirigia-se a Roma, mas mais por curiosidade do que por ser católico. Acreditei que não me reconheceria e me fechei, com o criado, num quarto, resolvido a me mudar para outra pousada quando anoitecesse. Mas como notei uma atitude despreocupada por parte do conde e seus lacaios, achei que realmente não me tinham reconhecido e, por isso, decidi ficar. Ceei no quarto, tranquei a porta, desembainhei a espada, encomendei-me a Deus, mas não me deitei. Meu pajem adormeceu e, sentado numa cadeira, cochilei um pouco. Mas, pouco depois da meia-noite, quatro tiros me despertaram para me fazer tentarem dormir o sono eterno; quatro pistolas que, como soube depois, o conde e seus lacaios dispararam contra mim. E, julgando-me morto, montaram nos cavalos que já tinham a postos e foram logo fugindo, recomendando antes ao hospedeiro que me enterrasse, pois se tratava de alguém de alta condição. Meu pajem, segundo me contou depois o hospedeiro, acordando com os disparos, apavorado, atirou-se de uma janela para o pátio, gritando: ‘Ai, que desgraça a minha! Que desgraça! Mataram meu amo!’, e fugiu dali tão espavorido, que só deve ter parado em Londres, onde deu a notícia da minha morte.

“Quando os da hospedaria subiram ao meu quarto foram me encontrar trespassado por quatro balas e com muito chumbo miúdo espalhado pelo corpo. Mas nenhuma das feridas punha minha vida em perigo mortal. Pedi confissão e todos os sacramentos, como cristão católico, que me foram ministrados. Fui tratado, ia sarando, mas levei dois meses para me refazer e ficar em condições de partir para Gênova. Chegando lá, só encontrei passagem em duas fragatas à vela que eu e dois fidalgos espanhóis fretamos, para que uma fosse à frente sondando, e a outra atrás, em que nós íamos. Com todas estas precauções, fomos navegando sempre junto à costa, para evitar o mar alto. Porém, chegando a uma paragem chamada Três Marias, no litoral da França, de repente saíram de uma enseada duas galeotas turcas e nos cercaram, uma pelo mar, outra pelo lado de terra. Fomos aprisionados e, mal nos puseram a bordo, fomos completamente despidos, nos deixando nus como viemos ao mundo. Despojaram as fragatas de tudo quanto levavam e, em vez de as afundar, deixaram-nas encalhar na costa, dizendo que serviriam de novo para lhes trazerem mais *galima*, nome que dão aos despojos dos cristãos que aprisionam. Podem muito bem imaginar como

senti no fundo da alma o cativo, e sobretudo a perda dos documentos de Roma que levava num cofrezinho de metal junto com o recibo dos mil e seiscentos ducados. Mas quis a sorte que fossem cair nas mãos de um católico cativo espanhol, que guardou tudo; pois se fossem parar às mãos dos turcos, eu teria de lhes pagar pelo meu resgate a importância constante no recibo, cujo beneficiário identificariam.

“Depois, nos levaram para Argel, onde se encontravam uns padres da Santíssima Trindade cuidando de resgates. Falei com eles, disse quem era, e foram tão caridosos, que apesar de eu ser estrangeiro, me resgataram da seguinte forma: deram por mim trezentos ducados, cem à vista, e os restantes duzentos quando voltasse o navio com os fundos das esmolas para resgatar o padre da Ordem da Redenção retido em Argel como garantia da dívida de quatro mil ducados que contraíra além da quantia que possuía para resgates. É que a misericórdia e generosidade destes padres vai ao ponto de trocarem a sua liberdade pela alheia, e se submeterem ao cativo a fim de resgatar outros cativos. Aumentando a alegria da minha libertação, tive a sorte de recuperar o cofrezinho perdido contendo os documentos de Roma e o recibo. Mostrei-o ao abençoado padre que me resgatara e lhe ofereci quinhentos ducados, além do meu resgate, para ajuda na sua obra. “O navio das esmolas demorou quase um ano a chegar, e o que nesse tempo passei, se fosse contar agora, seria uma outra e nova história. Apenas direi que fui reconhecido por um dos vinte turcos a quem dei liberdade juntamente com os cristãos já referidos, o qual se mostrou tão grato e tão homem de bem que não me denunciou; porque, se o fizesse, sabendo os turcos ser eu quem afundara as suas duas galeras e lhes tomara a grande nau portuguesa vinda da Índia, ou me entregariam ao Grão-Turco ou me matariam. E a primeira hipótese significaria eu me tornar escravo para sempre.

“Finalmente, o padre redentor veio à Espanha comigo e com outros cinquenta cristãos resgatados. Em Valencia fizemos a procissão geral e dali cada um partiu para o seu destino, com as insígnias do seu resgate, que são estes hábitos.

“Cheguei hoje a esta cidade com tanto desejo de ver Isabela, minha noiva, que, sem perda de tempo, perguntei logo por este convento, onde me dariam notícias dela. O que aqui me aconteceu todos viram; falta mostrar estes documentos, para que possa ser considerada como verdadeira minha história, tão milagrosa quão verídica.”

Dizendo isto tirou de um cofrezinho de metal os tais documentos e os entregou ao provisor, que os examinou juntamente com o senhor assistente, nada achando neles que fizesse duvidar da veracidade do que Ricaredo acabara de

contar.

E para maior confirmação da verdade, quis o Céu que se achasse presente também o mercador florentino sobre quem fora passada a letra dos mil e seiscentos ducados, o qual, pedindo para ver o recibo, logo o reconheceu como autêntico, porque já havia muitos meses recebera o respectivo aviso.

Tudo isto aconteceu de admiração em admiração e de espanto em espanto.

Ricaredo confirmou a oferta dos quinhentos ducados que prometera aos padres redentores. O assistente abraçou Ricaredo, bem como Isabela e seus pais, oferecendo a todos muito amavelmente os seus préstimos.

O mesmo fizeram os dois senhores eclesiásticos, rogando ainda a Isabela que escrevesse toda aquela história para que o senhor arcebispo a pudesse ler, o que ela prometeu.

O profundo silêncio em que todos os circunstantes haviam escutado o estranho relato rompeu-se em louvores a Deus pelas maravilhas que fazia e, todos, do maior ao menor, felicitaram Isabela, Ricaredo e aos pais, e por fim os deixaram. E os pais de Isabela pediram ao senhor assistente que honrasse com sua presença as bodas, que tencionavam celebrar dali a oito dias. Este aceitou com prazer o convite, e passados os oito dias compareceu às bodas juntamente com as pessoas mais notáveis da cidade.

E assim, após tantas peripécias e diversas circunstâncias, os pais de Isabela recuperaram a filha e a fortuna. E esta, por sua vez, favorecida pelo Céu e ajudada pelas suas muitas virtudes, a despeito de tantas contrariedades, encontrou um marido tão nobre como Ricaredo, em cuja companhia pensamos que ainda vive, na casa fronteira ao convento de Santa Paula, que então alugaram e mais tarde compraram aos herdeiros de um fidalgo de Burgos, chamado Fernando Cifuentes.

Esta novela nos ensina quanto pode a virtude e a beleza, pois estas bastam, juntas e cada uma por si, para encantar até os próprios inimigos. E ainda mais: que o Céu sabe extrair de nossas maiores adversidades nossos maiores proveitos.

Copyright © 1988 by Fernando Sabino

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
<http://www.rocco.com.br>

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa
retina78.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C413e

Cervantes Saavedra, Miguel de, 1547-1616.

A espanhola inglesa [recurso eletrônico] / Miguel de Cervantes Saavedra; organização e apresentação
Fernando Sabino; tradução Luís de Lima. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Novelas imortais)

Tradução de: La española inglesa

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de Acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-018-5 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Livros eletrônicos. I. Sabino, Fernando, 1923-2004. II. Lima, Luís de,
1929-. III. Título. IV. Série.

12-0290. CDD – 028.5 CDU – 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.